

PROCESSAMENTO DA CO-REFERÊNCIA PRONOMINAL ANAFÓRICA NA AQUISIÇÃO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO E DO ESPANHOL RIO-PLATENSE*

Mercedes MARCILESE
PUC-Rio

Letícia Maria Sicuro CORRÊA
PUC-Rio

Marina Rosa Ana AUGUSTO
PUC- Rio / UERJ

RESUMO

Este artigo investiga experimentalmente a aquisição dos complementos pronominais acusativos de terceira pessoa no Português Brasileiro (PB) e no Espanhol Rio-Platense (ER). Em particular, são focalizadas as habilidades de interpretação e identificação do referente de clíticos e pronominais por crianças de dois e quatro anos em ambas as línguas pesquisadas.

ABSTRACT

This study investigates the acquisition of third person accusative pronominal complements in Brazilian Portuguese (BP) and Rio-Platense Spanish (RS), focusing particularly the interpretation and identification of the referent of clitics and pronominals by children aged 2 and 4 years old.

PALAVRAS-CHAVE

Aquisição da linguagem. Complementos pronominais acusativos. Português Brasileiro. Espanhol Rio-Platense.

KEY WORDS

Language acquisition. Accusative pronominal complements. Brazilian Portuguese. Rio de la Plata Spanish.

Introdução

A questão da aquisição é central no estudo da cognição humana. Os estudos em Aquisição da Linguagem têm por objetivo explicar de que forma as crianças partem de um estado inicial, no qual não possuem nenhum meio de expressão verbal e, sem passar por uma aprendizagem formal, incorporam a língua da comunidade na qual estão imersas. O problema fundamental em uma teoria da aquisição é dar conta de como esse processo transcorre e o quê o viabiliza. Determinar qual seria a tarefa da criança durante o processo de aquisição constitui um possível ponto de partida para a investigação dessa questão.

O problema da aquisição do sistema pronominal, no que concerne aos complementos acusativos de terceira pessoa, é investigado neste artigo em função de um contraste entre o sistema pronominal do Português Brasileiro (doravante PB) e do Espanhol Rio-Platense (ER). Este estudo consiste em uma primeira caracterização – realizada com base em uma metodologia experimental – das habilidades de processamento no que tange aos mencionados complementos pronominais nas etapas iniciais de aquisição (a partir dos dois anos de idade) em ambas as línguas pesquisadas. Mais precisamente, objetiva-se focalizar as habilidades relativas à compreensão.

O trabalho se desenvolve no contexto de uma teoria psicolinguística da aquisição da língua materna, na qual a concepção de língua apresentada no Programa Minimalista e seus desdobramentos (CHOMSKY, 1995, 1999, 2000) é incorporada.

Ao adquirir sua língua materna, a criança tem de descobrir quais são as propriedades relativas à referência que resultam pertinentes para a gramática dessa língua em função de informação expressa nas interfaces da língua com os sistemas de desempenho. Nesse sentido, as categorias funcionais desempenham um duplo papel: por um lado, propiciam um esqueleto sintático para expressões linguísticas e, por outro, introduzem informação pertinente à referência proveniente das intenções de fala do

falante e do contexto de enunciação no qual a fala se desenvolve (Corrêa, 2005). Se assumirmos que os pronomes fazem parte da categoria funcional D[eterminante] (Uriagereka, 1995; Raposo, 1998, 2000), então podemos caracterizar esses elementos como um feixe de traços- ϕ , por meio do qual uma relação de co-referência se estabelece. Assume-se que a aquisição de complementos pronominais requer tanto a identificação desses elementos com posição fixa na interface fônica quanto o uso de informação obtida via interface semântica. Neste trabalho, busca-se caracterizar as relações de co-referência estabelecidas a partir dos complementos pronominais acusativos de terceira pessoa na aquisição, contrastando-se dois grupos etários, ampliando, desta forma, a análise inicialmente apresentada em Marcilese, Corrêa & Augusto (2007) com crianças de dois anos.

Na próxima seção, apresentamos as distinções entre os sistemas pronominais acusativos das línguas sob investigação e as implicações daí derivadas para a aquisição desses sistemas. A seguir, é relatado o experimento, e os resultados são discutidos. Por fim, retoma-se a hipótese de trabalho, e são apresentadas as conclusões da pesquisa.

1 Objetos pronominais no PB e no ER: implicações para a aquisição

No que concerne à realização dos objetos pronominais, os clíticos são os complementos aceitos no ER. Clíticos pronominais apresentam propriedades fônicas que são informativas quanto à distribuição (posição), tipo de elementos que podem hospedá-los e possibilidade de movimento para posições mais altas na árvore sintática (*clitic climbing*). Nessa língua, objetos nulos ocorrem unicamente como objetos diretos anafóricos, isto é, aqueles cujos referentes são imediatamente recuperáveis no contexto discursivo.

O PB, por sua vez, apresenta mais de uma opção para a realização dos objetos pronominais: clíticos, pronomes plenos e objetos nulos. Os clíticos

de 3ª pessoa têm uso restrito na língua oral e parecem ter perdido seu traço intrínseco acusativo, fato que acarretaria a sua substituição pelo pronome tônico (morfologicamente nominativo) de 3ª pessoa e, em alguns contextos, a possibilidade de objeto nulo. A ausência da marca de caso no complemento pronominal acusativo pode, eventualmente, criar ambigüidade no estabelecimento da referência (Raposo, 1998).

As diferenças salientadas entre o PB e o ER têm implicações relevantes para a criança, adquirindo cada uma dessas línguas. A hipótese de trabalho que orienta esta pesquisa é a de que a criança incorpora os complementos pronominais acusativos com base no processamento de informação advinda das interfaces entre a língua e os sistemas de desempenho. Esse processamento é, contudo, realizado de forma diferenciada nas línguas pesquisadas. A criança que adquire o ER, tendo em vista que não se vê diante de diferentes possibilidades de complementos pronominais, pode identificá-los a partir da interface fônica (PF), antes mesmo de representá-los como um feixe de traços- ϕ . Por sua vez, a criança que adquire o PB, além de partir de informação veiculada na interface fônica, tem de reconhecer as diferentes possibilidades de complemento pronominal na língua, em função da estrutura argumental do verbo e do processamento na interface semântica. Além disso, a criança tem de descobrir quais são as propriedades do referente que determinam o uso de cada tipo de complemento. Esse ponto não é trivial, desde que o PB apresenta um sistema pronominal em mudança (tanto no que diz respeito aos pronomes sujeito quanto aos pronomes objeto). No caso do objeto nulo, a estrutura argumental do verbo e o *parsing* sintático podem auxiliar a criança na identificação das formas pronominais nulas. *Animacidade*, *definitude* e *especificidade* são propriedades que poderiam ser levadas em conta pela criança durante a aquisição (Lopes; Cirino, 2004). Logo, relações correspondentes à interface semântica parecem ser especialmente relevantes na aquisição dos complementos pronominais acusativos no PB.

O ER, por sua vez, não apresenta variabilidade no que concerne à forma de realização dos complementos. Assim, a aquisição desses

elementos dependerá da sua identificação na interface fonética e, posteriormente, da sua representação como um conjunto de traços- ϕ no léxico. As características fônicas dos complementos pronominais (a ausência de acento inerente, por exemplo) podem, contudo, dificultar a tarefa da criança, visto que a informação relativa a gênero e a número não fica claramente visível nos clíticos. Já no PB, a criança lida com complementos pronominais lexicais, o que facilita a identificação dos traços interpretáveis de gênero e número nos mesmos.

Com base no processamento de informação de PF, prevê-se que, desde cedo, as crianças sejam capazes de distinguir as possíveis formas de complemento pronominal de sua língua. O processamento de relações pertinentes à interface semântica no que concerne ao processamento da co-referência entre o complemento pronominal e seu antecedente seria também semelhante em ambas as línguas. Isto é, a partir do momento em que a criança representa os complementos pronominais como um conjunto de traços- ϕ no léxico, não se deve esperar diferenças entre o PB e o ER, no que diz respeito ao processamento da referência pronominal quando estritamente dependente de informação gramatical.

Um experimento visando à avaliação e à interpretação de complementos pronominais acusativos de 3ª pessoa por crianças adquirindo PB e ER foi conduzido. Buscou-se verificar se:

- (i) crianças de 27 a 37 meses e de 47 a 57 meses interpretam os complementos pronominais acusativos levando em conta informação de gênero e de número;
- (ii) há diferenças na interpretação do clítico acusativo e do pronome pleno em PB e ER;
- (iii) animacidade é um fator que afeta a interpretação desses elementos.

2 Identificação do referente pronominal na aquisição de PB e ER

O experimento aqui relatado foi realizado por meio de uma tarefa de identificação de objetos. Foram avaliados dois grupos de crianças, definidos em função da língua em aquisição. Ambos os grupos foram expostos ao mesmo tipo de material lingüístico. Assim sendo, crianças em aquisição do PB foram apresentadas tanto a objetos diretos com pronomes plenos – as formas mais freqüentes na língua oral – quanto a clíticos acusativos, dificilmente presentes na fala a que são expostas. As crianças adquirindo ER, por sua vez, têm nas formas pronominais plenas estímulos agramaticais, e, nos clíticos, a forma padrão a que são expostas.¹

As variáveis independentes foram: tipo de complemento pronominal (*clítico/pronome tônico*), gênero (*masculino/feminino*), número (*singular/plural*) do elemento pronominal, língua (*ER/PB*) e idade (*dois/quatro* anos). As duas últimas variáveis (*língua e idade*) são fatores grupais.

Foram definidas duas variáveis dependentes. A variável dependente 1 foi o número de escolhas compatíveis com o gênero/número do complemento. A variável dependente 2 foi o número de escolhas do objeto distrator animado.

Foram formuladas as seguintes hipóteses:

- *Língua* é um fator que afeta a percepção do estímulo pela criança. Crianças falantes de PB e ER por volta de 2 anos já distinguem o sistema pronominal de sua língua. Maior número de respostas correspondentes ao alvo (Cf. variável dependente 1) são esperadas para clíticos no ER e para pronomes tônicos no PB.
- *Gênero e número* afetam de forma diferenciada a compreensão de clíticos e pronominais, com maior número de respostas correspondentes ao alvo para formas pronominais plenas, dada sua maior visibilidade.
- *Animacidade* afeta a interpretação de formas pronominais plenas, dado que estas, diferentemente dos clíticos, tendem a restringir a

referência a antecedentes animados. Espera-se, assim, um maior número de respostas correspondentes à escolha do item animado (cf. variável dependente 2) nas condições com formas pronominais plenas do que com os clíticos.

As sentenças-teste foram orações coordenadas, nas quais o complemento do verbo da primeira oração era composto por dois DPs (coordenados), e o complemento do verbo da segunda oração, um elemento pronominal.

Exemplos:

*O coelho encontrou uma cenoura e um tomate e **alo** mordeu com força.*

*O coelho encontrou uma cenoura e um tomate e mordeu **elalele(s)** com força.*

*El conejo encontró una zanahoria y un tomate y **lallo(s)** agarró apurado.*

*El conejo encontró una zanahoria y un tomate y agarró **ellaello(s)** apurado.*

2.1 Método

Participantes

Participaram do experimento 50 crianças divididas em duas faixas etárias. O primeiro grupo etário (Grupo 1 -G1) foi constituído por 26 crianças: 15 adquirindo ER, 8 das quais meninas (idade média 32 meses) e 11 adquirindo o PB, sendo 7 meninas (idade média 33 meses). Do segundo grupo (G2), participaram 13 crianças adquirindo ER: das quais 5 meninas (idade média 54 meses) e 11 adquirindo PB (idade média 54 meses), das quais 7 eram meninas. O experimento foi conduzido principalmente em duas creches (uma na Argentina e outra no Brasil), mas algumas crianças argentinas, ainda que frequentassem creche, foram avaliadas na sua própria casa. Todas as crianças eram monolíngües, de classe social média e sem queixas de linguagem.

Além dos dois grupos de crianças descritos, o experimento também foi aplicado com um terceiro grupo de controle formado por 22 adultos falantes nativos das duas línguas. No total, participaram 11 adultos falantes nativos de ER (todos eles argentinos) e 11 falantes de PB (todos moradores

da cidade do Rio de Janeiro). Todos os participantes do grupo de controle eram de classe social média e tinham nível de escolaridade superior (vários dos participantes possuíam ainda curso de pós-graduação).

Materiais

Foram utilizados brinquedos de pano especialmente confeccionados para o experimento, sendo 14 objetos (banana, livro, bola, lápis etc.) e 10 animais (gato, gata, macaco, macaca etc.). Foram utilizados ainda um fantoche de mão com um alto-falante nele acoplado e ligado a um reproduutor de MP3 (contendo os estímulos gravados) e um tapete emborrachado com quatro divisões em que foram colocados os brinquedos de forma equidistante do centro. Os objetos foram dispostos contrabalançando-se a distância mais próxima de objetos animados/inanimados. Os estímulos sonoros foram gravados por falantes nativos de cada língua.

Procedimento

A tarefa experimental utilizada foi a identificação de objetos. Inicialmente, realizou-se uma familiarização entre o experimentador e a criança. Nesta fase, a criança era convidada a participar de um jogo, e vários brinquedos foram apresentados. Uma vez que a interação entre experimentador e sujeito atingia um grau satisfatório, era mostrado à criança o fantoche apresentado como um boneco falante. Foi realizada uma etapa de pré-teste, na qual quatro objetos eram apresentados à criança, dos quais dois eram inanimados e dois, animados. Logo após a apresentação dos brinquedos, o fantoche “falava” a sentença-estímulo (ex.: *A gata encontrou uma bola*) e, em seguida, o experimentador fazia uma pergunta de compreensão do tipo QU *in situ* – *A gata encontrou o quê?* – que a criança podia responder simplesmente apontando ou pegando os objetos correspondentes. Nesta etapa, as crianças foram treinadas para responder, escolhendo 1 ou 2 objetos segundo fosse pertinente. Uma vez que a criança demonstrava ter compreendido bem a atividade, começava a etapa de teste propriamente dita, na qual o procedimento era o mesmo

que o da fase de treinamento, mas agora utilizando os estímulos experimentais. A duração média de cada sessão foi de 15 a 20 minutos.

3 Resultados e discussão

A primeira variável dependente considerada foi o número de respostas-alvo (escolha do objeto correspondente ao referente da forma pronominal acusativa, introduzido na primeira oração do par coordenado, em função de informação de gênero e de número). Os resultados foram analisados por meio de uma ANOVA ($2 \times 2 \times 2 \times 2$) (*língua*, *idade*, *tipo*, *gênero* e *número*) sendo os dois primeiros fatores grupais e as demais medidas, repetidas.

Oteve-se um efeito principal de *língua* ($F[1,46] = 5,97$; $p = .02$) (médias de 0,75 para o PB; e 0,59 para o ER). Esse efeito sugere que as crianças que adquirem o PB encontram informação mais visível no elemento pronominal lexical do que as crianças adquirindo o ER encontram no clítico, ou seja, a aquisição do complemento acusativo clítico impõe uma dificuldade à aquisição. O gráfico 1 apresenta as médias correspondentes a esse efeito.

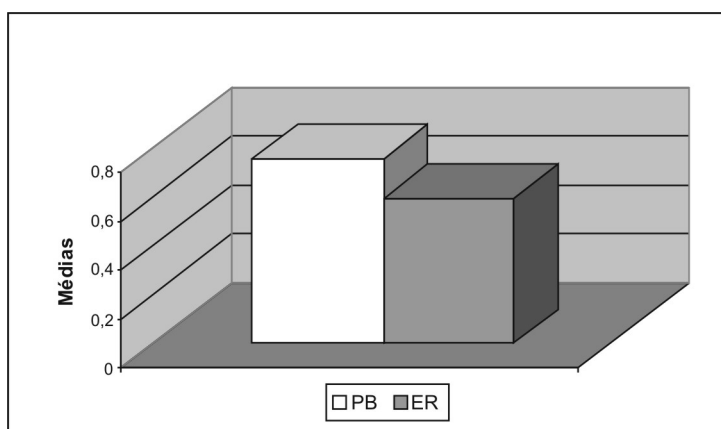


GRÁFICO 1 - Média de respostas-alvo em função de língua.

Obteve-se também um efeito principal de *idade* ($F[1,46] = 13,46$; $p = .001$) (médias de 0,56 para o G1, e 0,79 para o G2), com um número significativamente maior de respostas-alvo para o G2. Esse resultado sugere que o desenvolvimento de habilidades cognitivas e/ou de processamento lingüístico entre 2 e 4 anos de idade contribui para a expressão da capacidade de estabelecer a co-referência pronominal.

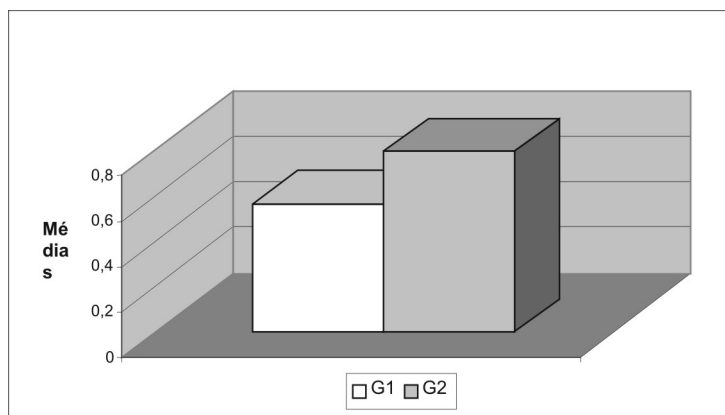


GRÁFICO 2 - Média de respostas-alvo em função de idade.

Foi registrada uma interação significativa entre os dois fatores grupais ($F[1,46] = 4,7$; $p = .03$) (médias de 0,7 para o G1 do PB; 0,8 para o G2 do PB; 0,42 G1 ER; e 0,78 G2 ER). Esses resultados mostram que, enquanto no PB o comportamento das crianças se mantém relativamente estável (quando comparadas as duas faixas etárias avaliadas), no ER há um salto quantitativo nas respostas das crianças mais velhas. As crianças do G1 do ER têm mais dificuldade do que as de idade semelhante do PB, fato que interpretamos como sendo decorrente do custo da baixa visibilidade da informação gramatical nos clíticos. Por outro lado, o fato de crianças de 4 anos terem desempenho semelhante independentemente de língua é compatível com o desenvolvimento de habilidades para lidar com a informação na interface entre a língua e sistemas conceptuais/intencionais.

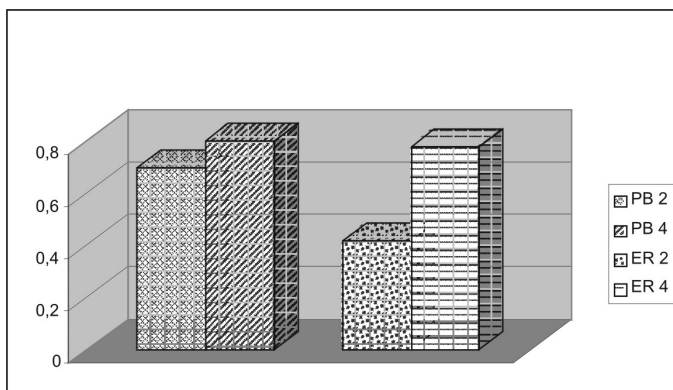


GRÁFICO 3 - Média de respostas-alvo em função de língua e idade.

Obeve-se também um efeito principal de *número* ($F[1,46] = 63,77$; $p = <.00001$). (médias de 0,33 para o singular, e 1 para o plural). Esse efeito é compatível, por um lado, com a idéia de que formas mais marcadas são interpretadas mais facilmente pelas crianças e, por outro lado, esse resultado também poderia indicar que existe um viés pragmático na resolução da referência pronominal. Observa-se uma tendência a estabelecer um paralelismo entre as duas sentenças coordenadas, considerando o objeto da primeira como sendo também o complemento da segunda. Essa estratégia é compatível com uma resposta discursivamente ideal, na qual o referente mencionado inicialmente é retomado (integralmente) na segunda menção.

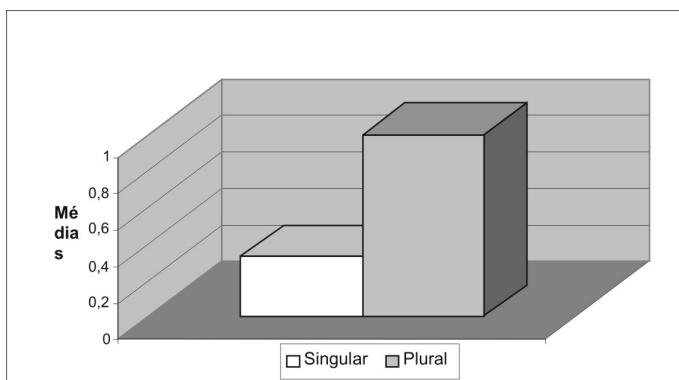


GRÁFICO 4 - Média de respostas-alvo em função de número.

Observou-se ainda um efeito principal de *gênero* ($F[1,46] = 6,26$; $p = .02$) (médias de 0,62 para o masculino, e 0,71 para o feminino), sugerindo mais uma vez que as formas mais marcadas facilitam o estabelecimento da referência pronominal.

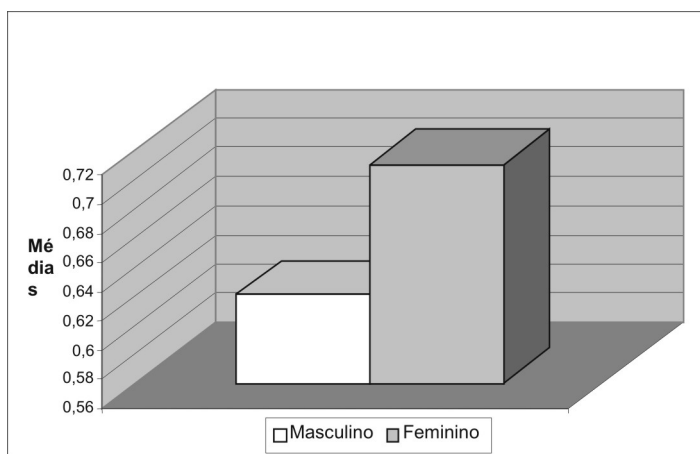


GRÁFICO 5 - Média de de respostas-alvo em função de gênero.

Obteve-se um efeito significativo da interação entre *tipo de complemento e língua* ($F[1,46] = 4,77$; $p = .03$) (médias de 0,7 clíticos PB; 0,82 pronomes PB; 0,7 clíticos ER; e 0,54 pronomes ER), com mais respostas-alvo para as formas plenas no PB e para os clíticos no ER. Esses resultados demonstram que as crianças a partir dos 2 anos de idade já distinguem os complementos pronominais da sua própria língua, interpretando de modo mais consistente as formas a que normalmente são expostas (clíticos no ER, pronomes plenos no PB).

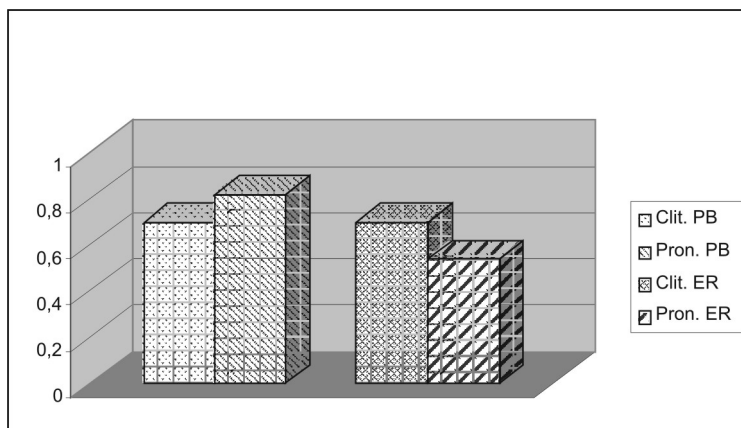


GRÁFICO 6 - Média de respostas-alvo em função de tipo de complemento e língua.

Registrou-se um efeito da interação entre *número e língua* perto do nível de significância ($F[1,46] = 3,18$; $p = .08$) (médias de 0,32 PB singular; 1,2 PB plural; 0,33 ER singular; 0,9 ER plural) o que sugere que a informação de número marcado é particularmente visível no PB, independentemente da forma do complemento. Não obstante, no ER, o número marcado também parece facilitar o estabelecimento da referência.

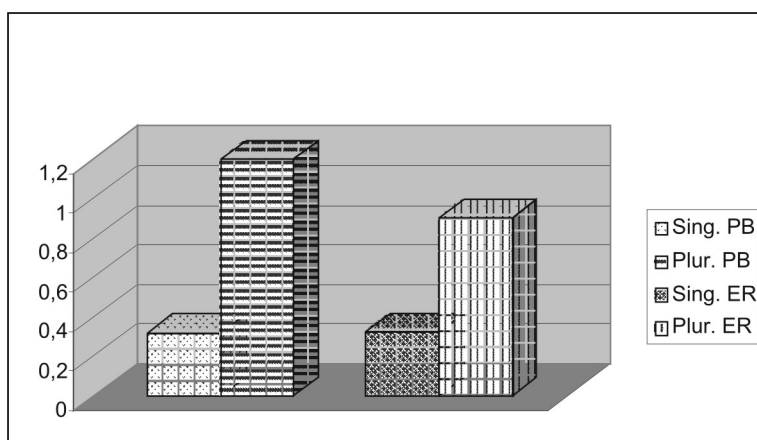


GRÁFICO 7 - Média de respostas-alvo em função de número e língua.

Foi registrado ainda um efeito significativo da interação entre *número e idade* ($F[1,46] = 41,92$; $p = < .00001$) (médias de 0,51 singular G1; 0,8 plural G1; 0,13 singular G2; 1,44 plural G2). As crianças de dois anos tiveram um comportamento bastante diferente das crianças mais velhas. Enquanto as primeiras apresentavam um comportamento bastante diferenciado entre as duas línguas (crianças do PB demonstraram uma preferência pela escolha do plural enquanto que as crianças do ER optaram mais pelo singular), o G2 apresentou um comportamento mais homogêneo. Nas duas línguas, observou-se uma marcada tendência pela escolha dos plurais, sugerindo que as crianças mais velhas apelaram para uma estratégia cognitiva de base discursiva para a resolução da tarefa, qual seja, tomar o complemento da primeira sentença coordenada como sendo também o complemento da segunda.

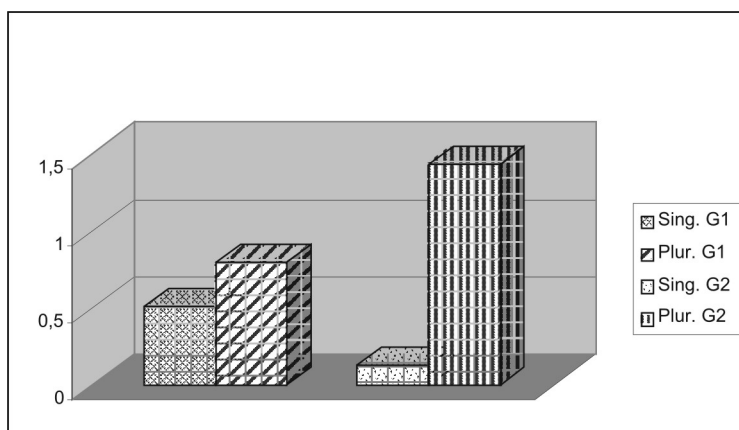


GRÁFICO 8 - Média de respostas-alvo em função de número e idade.

Obteve-se um efeito de *gênero e língua* ($F[1,46] = 12,9$; $p = .001$) (médias de 0,63 para o masculino PB; 0,88 feminino PB; 0,63 masculino ER; e 0,6 feminino ER). Esse efeito mostra-se compatível com a idéia de que formas marcadas são mais perceptíveis no PB, independentemente do tipo do complemento. A tendência da preferência pelo masculino em ER não se apresentou, contudo, como um efeito significativo de gênero.

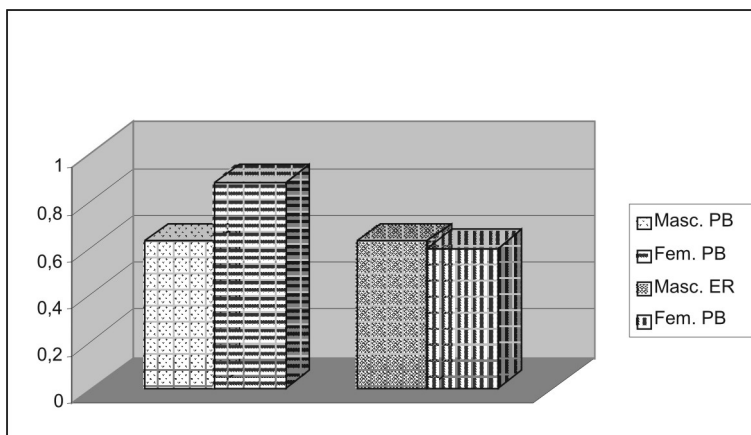


GRÁFICO 9 - Média de respostas alvo em função de gênero e língua.

Foi registrado um efeito significativo na interação entre *tipo*, *número* e *gênero* ($F[1,46] = 4,88$; $p = .03$) (médias de 0,25 CSM; 0,4 CSF; 1,05 CPLM; 1,07 CPLF; 0,33 PSM; 0,31 PSF; 0,86 PPLM; e 1,3 PPLF). Esse resultado revela que, independentemente de língua e idade, gênero e número acarretam respostas diferenciadas dos complementos pronominais, sendo esse fato particularmente claro nos pronomes nos quais a forma mais marcada, em gênero e número, é a que se mostra mais perceptível, facilitando significativamente o estabelecimento da referência.

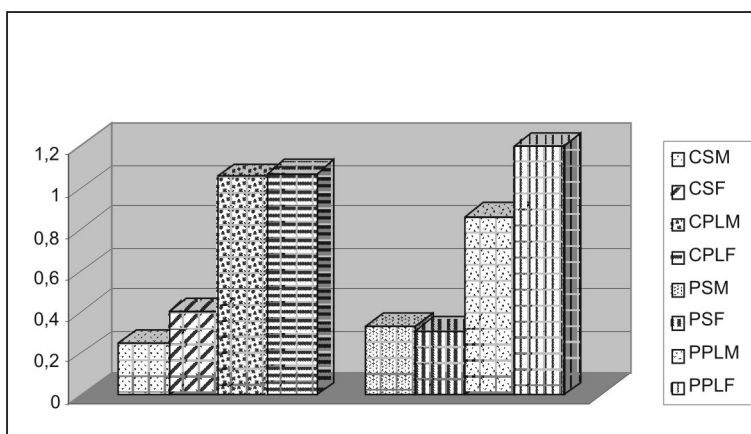


GRÁFICO 10 - Média de respostas-alvo em função de tipo, número e gênero.

Por último, obteve-se um efeito da interação entre *número*, *língua* e *idade* ($F[1,46] = 10,36$; $p = .002$) (médias de 0,41 singular PB G1; 1 plural PB G1; 0,21 singular PB G2; 1,4 plural PB G2; 0,6 singular ER G1; 0,3 plural ER G1; 0,05 singular ER G2; 1,51 plural ER G2). Esse resultado mostra as diferenças já mencionadas no comportamento das crianças. Enquanto as crianças de dois anos do ER obtiveram maior número de acertos para a forma *default* (singular masculino), as crianças do mesmo grupo do PB apresentaram o comportamento oposto (preferência pelo feminino plural). Essa tendência se manteve para o G2 do PB e também foi constatada nessa faixa etária no ER. As crianças do G2 nas duas línguas obtiveram maior número de respostas certas para os complementos plurais.

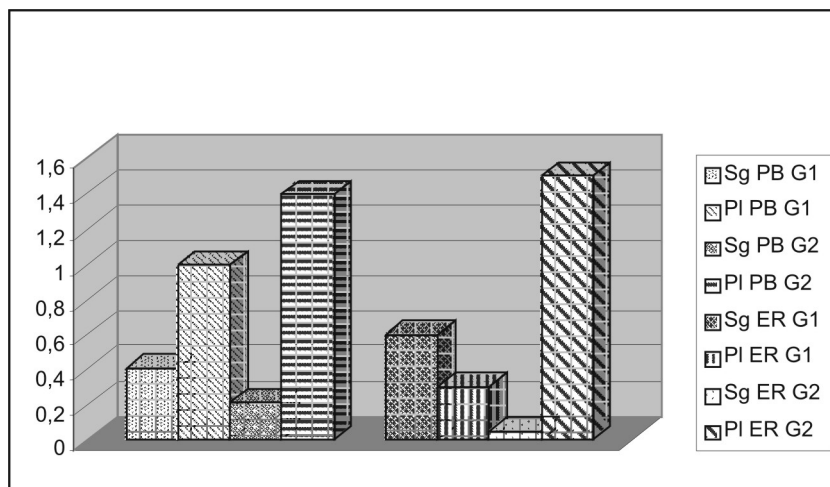


GRÁFICO 11 - Média de respostas-alvo em função de número, língua e idade.

A segunda variável dependente foi o número de escolhas do objeto animado que correspondeu a 17% do total de respostas no PB e 18% no ER (17,62% do total de respostas independentemente da língua). Essas respostas foram analisadas pelo mesmo programa que analisou as respostas-alvo. Houve um efeito principal de *idade* ($F[1,46] = 8,67$; $p = .005$) (médias de 0,5 G1; e 0,22 G2). As crianças mais novas apresentaram um

número de escolhas do distrator animado significativamente maior do que as crianças do G2. Esse resultado parece compatível com a idéia de que *animacidade* poderia ser uma propriedade a ser levada em conta pela criança nas primeiras etapas da aquisição da língua, mas, progressivamente, na medida em que a criança começa a levar em conta outros fatores, perderia força como pista na hora de estabelecer a referência.

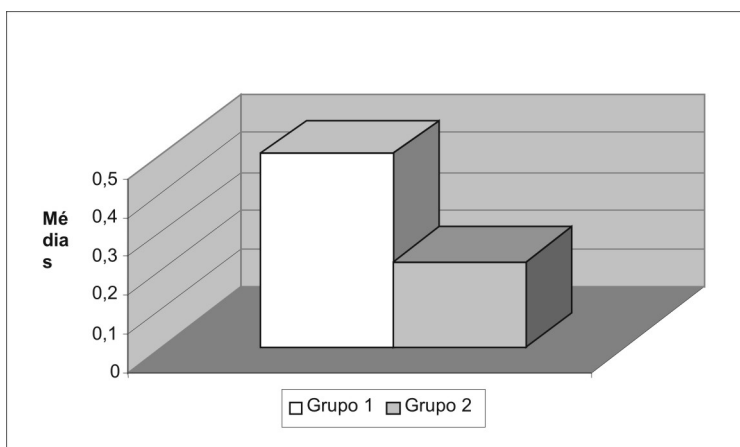


GRÁFICO 12 - Média de escolhas do distrator animado em função de idade.

Obteve-se ainda um efeito significativo da interação entre *língua e idade* ($F[1,46] = 4,65$; $p = .03$) (médias de 0,4 PB G1; 0,32 PB G2; 0,6 ER G1; 0,12 ER G2). As crianças do G1 no ER foram as que mais interpretaram o distrator animado como sendo o referente do complemento pronominal. No PB, a diferença entre as respostas dos dois grupos não foi significativa. Já no ER, o número de escolhas do distrator animado foi significativamente mais baixo para as crianças do G2. Esse resultado parece indicar que, pelo menos nessa língua, *animacidade* é uma propriedade que as crianças poderiam levar em conta nas fases iniciais da aquisição dos complementos pronominais, mas que perderia rapidamente a sua relevância como pista para o estabelecimento da referência. Cumpre salientar que, no ER, a restrição que determina que pronomes lexicais apenas possam retomar antecedentes [+animados]

parece ser ativa nas crianças mais novas, perdendo, contudo, relevância para as crianças do G2.

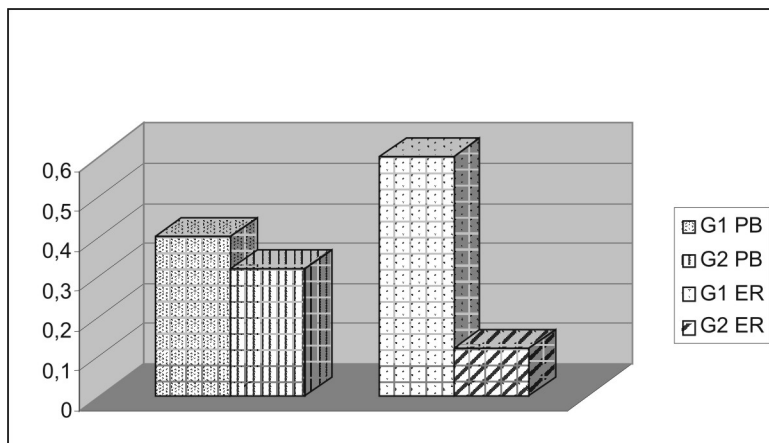


GRÁFICO 13 - Médias de escolhas do distrator animado em função de língua e idade.

Obteve-se um efeito de *tipo de complemento* perto do nível de significância ($F[1,46] = 3,41$; $p = .07$) (médias de 0,31 clíticos; e 0,4 pronomes). Esses resultados parecem compatíveis com a idéia de que *animacidade* estaria associada mais consistentemente ao pronome do que ao clítico. Porém, os dados não são conclusivos.

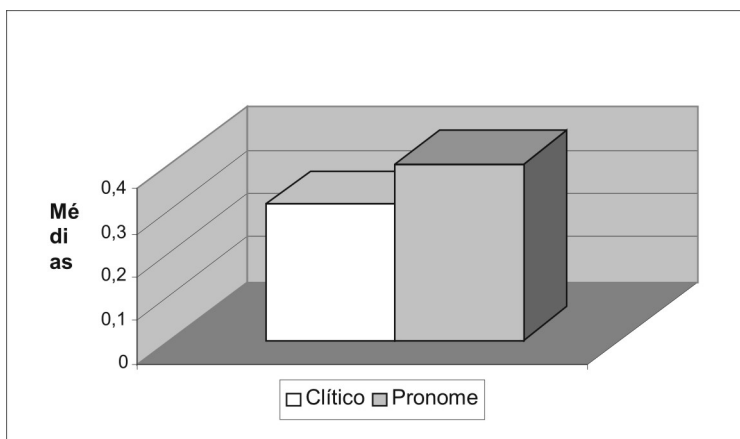


GRÁFICO 14 - Média de escolhas do distrator animado em função de tipo de complemento.

Por último, obteve-se um efeito significativo da interação entre *número*, *gênero*, *língua* e *idade* ($F[1,46] = 4,5$; $p = .04$). O feminino singular foi a condição que gerou mais respostas de escolha do distrator no G1 do ER, enquanto que no G1 do PB foi o masculino singular. Esses resultados correspondem ao reverso da tendência obtida com base nas respostas-alvo.

Além dos resultados das crianças, os dados obtidos pelo grupo de controle também foram analisados por meio de um ANOVA com as mesmas características do grupo experimental ($[2 \times 2 \times 2 \times 2]$ [*língua*, *tipo*, *gênero* e *número*]) sendo o primeiro um fator grupal e as demais medidas repetidas). Essa análise revelou um efeito principal de *tipo de complemento* ($F[1,20] = 17,78$; $p < .001$) (médias de 1,64 clíticos; e 1,9 pronomes). Esse resultado demonstra que, para os adultos, independentemente de língua, as formas plenas facilitam o estabelecimento da referência pronominal, com um número significativamente maior de acertos para a condição pronome.

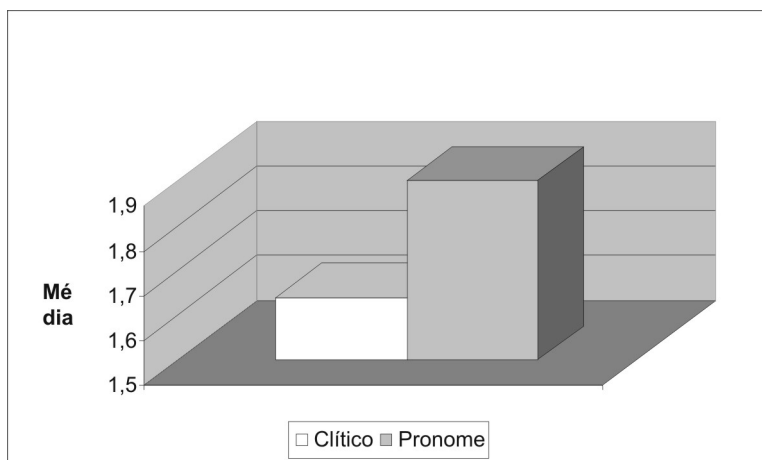


GRÁFICO 15 - Média de respostas-alvo em função de tipo de complemento / Grupo de controle.

Foi registrado também um efeito significativo *de tipo de complemento e número* ($F[1,20] = 9,17$; $p = .01$) (médias: 1,43 clítico singular; 1,88 clítico plural; 1,82 pronome singular e 1,92 pronome plural). O maior número de acertos foi obtido com os pronomes plurais, enquanto que os clíticos singulares induziram maior número de erros. Esse resultado demonstra que o fato do clítico ser um elemento sem acento próprio é um fator que pode afetar a sua compreensão, mas unicamente nas formas singulares. Já o clítico plural parece não envolver maior dificuldade que o pronome. Uma interpretação baseada numa estratégia apoiada em paralelismo na interpretação de pronomes, em que o objeto da primeira sentença é tomado como antecedente de elemento pronominal de mesma função em estruturas coordenadas pode também explicar esse efeito.

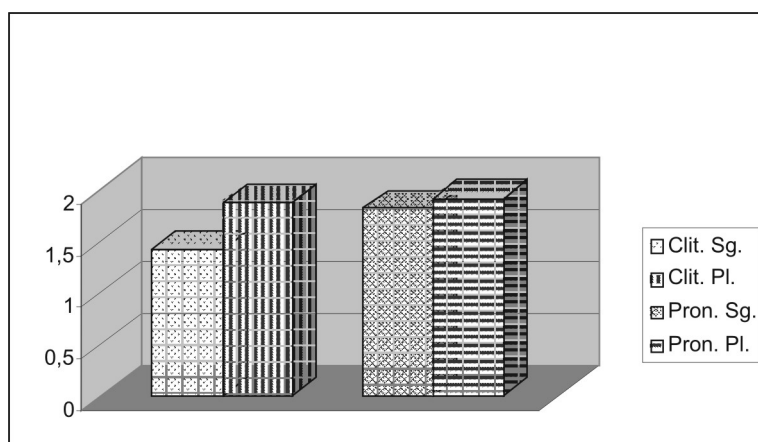


GRÁFICO 16 - Média de respostas-alvo em função de tipo de complemento e número / Grupo de controle.

Obteve-se um efeito principal de *gênero* ($F[1,20] = 5,33$; $p = .03$) (médias de 1,7 masculino e 1,81 para o feminino). Esse resultado confirma o já observado com as crianças: o gênero marcado facilita significativamente o estabelecimento da referência.

Registrou-se ainda um efeito significativo de *gênero e língua* ($F[1,20] = 7,96$; $p = .01$) (1,8 PB masculino; e 1,75 PB feminino; 1,63 ER masculino; e 1,86 ER feminino). É interessante observar que, enquanto as crianças do ER apresentavam um maior número de respostas-alvo para a forma *default* (masculino singular), os adultos nessa língua exibem um comportamento semelhante ao das crianças do PB. Isto é, as formas mais marcadas são as que facilitam o estabelecimento da referência. Os resultados dos adultos no ER vêm sustentar a idéia de que as crianças adquirindo essa língua incorporam os complementos pronominais sem que estes sejam necessariamente representados como um conjunto de *traços-φ*. As respostas dos adultos mostram que, uma vez que essa representação é feita, o estabelecimento da referência anafórica é realizado apenas com base na informação de gênero e número, sendo as formas mais marcadas as que facilitam o processamento dessas estruturas. Já no PB, a diferença entre as duas condições (feminino e masculino) não é significativa.

Foi observado ainda um efeito significativo da interação entre *tipo e gênero* ($F[1,20] = 4,9$; $p = .04$) (médias de 1,54 clítico masculino; 1,73 clítico feminino; 1,87 pronome masculino; 1,88 pronome feminino). Esses resultados confirmam a tendência já observada nas crianças com relação às formas mais marcadas. A forma menos marcada (clítico masculino) teve o menor número de acertos independentemente da língua, e a média aumenta conforme as formas são mais marcadas. É importante salientar que, nesse ponto em particular, crianças e adultos se comportam de forma semelhante a partir do momento em que os complementos pronominais já estão representados no léxico como um conjunto de *traços-φ*. Até então, e isso fica claro nos resultados do G1 do ER, as crianças usam a estratégia *default*, optando pelo elemento não-marcado na língua. No PB, essa identificação dos traços é realizada mais cedo, uma vez que as crianças estão expostas a formas plenas nas quais estes são mais visíveis, fato que facilitaria a tarefa.

Houve também um efeito significativo de *tipo de complemento, número e língua* ($F[1,20] = 9,17$; $p = .01$) (médias de clítico sg. PB 2,9; clítico pl.

PB 1,95, 1,82 pronome sg. PB, 1,91; clítico sg ER 1,54, 1,68 clítico pl. ER; 1,82 pronome sg. ER; 1,93 pronome pl. ER).

Diferentemente do que foi observado nas crianças, o maior número de acertos registrou-se para o PB com os clíticos singulares, enquanto que, para o ER, foi com os pronomes plurais. Contudo, esses resultados são coerentes com o registrado nas crianças no ER: os clíticos singulares apresentam informação menos perceptível nessa língua. Cumpre salientar que, embora os adultos considerassem os estímulos com os pronomes plenos “esquisitos”, eles não apresentavam problemas na hora de resolver a tarefa. Quando, depois do experimento, foram questionados sobre esse ponto, eles afirmavam ter achado estranho, mas ter sempre interpretado o complemento com base na concordância de gênero e número (traços- ϕ) e nunca como sendo dêiticos e, portanto, referindo-se a outro objeto (distrator) presente na cena.

Já com relação aos resultados do PB, a ocorrência de clíticos no *input* das crianças brasileiras é escassa; e os adultos encontram-se muito mais familiarizados com os clíticos (enquanto forma padrão culta) do que as gerações mais novas, especialmente se é levado em conta o alto nível de escolaridade dos participantes do grupo de controle. De fato, alguns dos adultos expressaram depois do teste a sua rejeição pelas sentenças com formas plenas por achá-las fora da gramática culta. Essa diferença entre adultos e crianças pode explicar os padrões de comportamento discrepantes. Esses mesmos resultados podem ser tomados como evidências de uma mudança em curso no interior da própria língua: o progressivo abandono dos complementos clíticos acusativos e a sua substituição pelas formas nominativas tônicas. As gerações mais novas interpretam mais consistentemente as formas a que estão habituadas, enquanto os adultos, que já passaram por uma educação formal, ainda mantêm a preferência pela forma da variante padrão.

Registrou-se um efeito significativo da interação entre o *tipo de complemento, gênero e língua* ($F[1,20] = 8,1$; $p = .01$) (médias de 1,68 PB clit. Masc; 1,63 PB clit. Fem; 1,86 PB pron. Masc; 1,86 PB pron. Fem;

1,4 ER clit. Fem; 1,82 ER clit. Fem; 1,86 ER pron. Fem; 1,91 ER pron. masc.). Esses resultados são compatíveis com o comportamento observado nas crianças das duas línguas. No ER, o clítico masculino é a forma com os traços menos perceptíveis, fato que dificulta a sua interpretação. Já no PB, a diferença na interpretação dos clíticos masculinos e femininos não foi significativa. Os pronomes plenos foram, nas duas línguas, as formas que mais facilitaram a interpretação, contudo, no ER, o clítico feminino registrou um tratamento semelhante, o que demonstra que gênero marcado é uma pista relevante na resolução da referência pronominal.

Por último, o efeito de *número* aproximou-se do nível de significância ($F[1,20] = 3,15$; $p = .09$) (médias de 1,64 para o singular; e 1,87 para o plural). Esse resultado demonstra que a estratégia pragmática utilizada pelas crianças do G2 nas duas línguas subsiste em certa medida nos adultos. É interessante relatar que houve um participante em cada língua que apresentou um comportamento semelhante ao das crianças de quatro anos, isto é, uma tendência pela escolha sempre do plural. É importante salientar que esse comportamento foi registrado nas duas línguas, fato que demonstra que não se trata de uma interpretação lingüisticamente determinada, mas, provavelmente, pragmaticamente controlada. A resposta pragmaticamente “preferida” frente aos estímulos do experimento seria pelo plural, mas o ponto do experimento era precisamente avaliar até que ponto outros fatores (como a informação semântica fornecida pelos traços- ϕ carregados pelo complemento) são levados em conta na resolução da referência dos complementos pronominais.

No que concerne à segunda variável analisada, isto é, escolha do distrator animado, nenhuma resposta desse tipo foi obtida pelo grupo de controle. Os adultos interpretaram o complemento pronominal como sendo sempre co-referente com algum elemento mencionado na sentença.

4 Conclusão

Os resultados experimentais relatados sugerem que crianças a partir dos 2 anos já distinguem o sistema pronominal de sua língua. As crianças

que adquirem ER, ainda que possam perceber a presença do clítico, distinguindo-o do pronome, não encontram neste informação suficientemente visível relativa aos traços- ϕ para fazer a referência. No ER, o fato do pronome lexical acusativo não ser gramatical na língua dificulta o uso de informação relativa a gênero e número marcado, tal como se observa no PB. Sendo assim, as crianças mais novas usam estratégia *default* pelo elemento não-marcado na língua, na resolução da tarefa. A visibilidade dos elementos marcados mostra-se nítida no PB, no qual a condição pronome feminino plural é a que mais facilita a co-referência. Observa-se, ainda, que o ER apresenta alguma restrição de *animacidade* no pronome, que se revelou não operativa no PB.

A criança que adquire o ER incorpora os complementos pronominais a partir da interface fônica, sem que isso, contudo, acarrete sua representação imediata como um feixe de traços- ϕ . A criança que adquire o PB lida com complementos pronominais lexicais, o que facilita a identificação dos traços interpretáveis de gênero e número nos mesmos.

Nas crianças mais velhas, registrou-se uma tendência pela resolução da tarefa a partir do estabelecimento de paralelismos; isto é, os objetos da primeira sentença coordenada eram interpretados como sendo os complementos do verbo da segunda sentença. Essa estratégia também foi observada nos adultos, o que demonstra uma continuidade nos padrões de comportamento envolvendo fatores pragmáticos.

Por último, cumpre destacar que, embora os adultos tenham cometido alguns erros na resolução da tarefa, ocorrências de interpretação do complemento pronominal como sendo dêitico não foram registradas. Os erros cometidos pelo grupo de controle podem ser explicados como casos de resolução da referência pronominal com base em inferências pragmáticas. Os adultos se mostraram completamente capazes de estabelecer a referência pronominal com base, apenas, nos traços- ϕ do complemento.

A investigação acerca da aquisição de complementos pronominais nas línguas estudadas mostra-se consistente com a idéia de que a complexidade

relativa do processamento dos complementos pronominais varia conforme a idade da criança e a língua em aquisição, contribuindo para a compreensão acerca dos fatores levados em conta na resolução da referência pronominal no processamento de relações de interface entre a língua e sistemas intencionais.

Notas

- * O trabalho foi desenvolvido em função de projetos apoiados pela FAPERJ (primeira e terceira autoras) e pelo CNPq (segunda autora, processo 308713/2005-2).
- 1 Certamente, houve uma assimetria nos estímulos das duas línguas no sentido de que todas as sentenças do PB eram gramaticais, enquanto que as sentenças com pronomes plenos no ER representavam estímulos agramaticais. Contudo, consideramos que tal manipulação foi válida, na medida em que o nosso objetivo foi avaliar a compreensão dos complementos gramaticais no ER (i.e., os clíticos) e possíveis efeitos de *animacidade* vinculados ao pronome pleno em ambas as línguas.

Referências

- CHOMSKY, N. *O programa minimalista*. Lisboa: Editorial Caminho, 1995.
- CHOMSKY, N. Derivation by Phases. *MIT Occasional Papers in Linguistics*, 18, Cambridge/MA, MIT Working Papers in Linguistics, 1999.
- CHOMSKY, N. Beyond Explanatory Adequacy. *MIT Occasional Papers in Linguistics*, 20, Cambridge/MA, MIT Working Papers in Linguistics, 2000.
- CORRÊA, L. M. S. Questões de concordância: uma abordagem integrada para processamento, aquisição e o Déficit Específico da Linguagem. *Linguística* 1,1, p. 115-145, [s.n.], [s.l.], 2005.

LOPES, R.; CYRINO, S. Animacy as a Driving cue in Change and Acquisition in Brazilian Portuguese. In: *International Conference on Linguistic Evidence*, Tübingen, Universität Tübingen, p. 86-90, [s.n.], [s.l.], 2004.

MARCILESE, M.; CORRÊA, L.M.S.; AUGUSTO, M.R.A. A interpretação de complementos pronominais na aquisição do PB e ER: relações de interface na identificação da língua. *Cadernos de Pesquisa em Lingüística* 3, 2, [s.n.], [s.l.], 2007.

RAPOSO, E. Some Observations on the Pronominal System of Portuguese. *CatWPL*, 6, [s.n.], [s.l.], p. 59-93, 1998.

RAPOSO, E. Clitic Positions and Verb Movement. In: COSTA, J. *Portuguese Syntax: New Comparative Studies*. Oxford Studies in Comparative Syntax. Oxford University Press: Oxford, 2000.

URIAGEREKA, J. Aspects of the Syntax of Clitic Placement in Western Romance. *Linguistic Inquiry*, 26, 1, [s.n.], [s.l.], p. 79-123, 1995.